

ENCONTROS PARA COMUNIDADES

IGREJA em SAÍDA

esperança
para os
pobres e
excluídos

COLEÇÃO
FRANCISCO
E O MUNDO



Francisco Sá



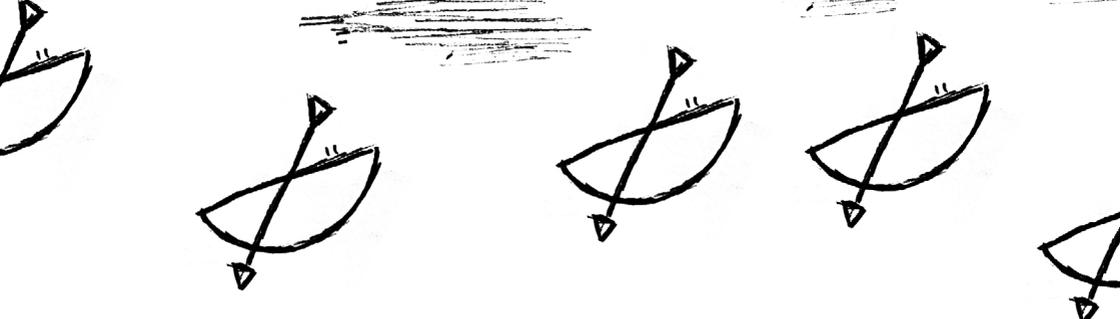
IGREJA EM SAÍDA

*Esperança para os
pobres e excluídos*



2022





EXPEDIENTE

Esta cartilha foi elaborada
por Ermanno Allegri, da ONG
Francisco e o Mundo com a colaboração:

Isabel De Jesus Souza Dermeval

Pe. Lino Allegri

Djanete Maria Dos Santos Silva

Roberto Malvezzi – Gogó

Fernanda Gonçalves de Sousa

Pe. Marco Passerini

Vicente Flavio

Aroldo Braga.

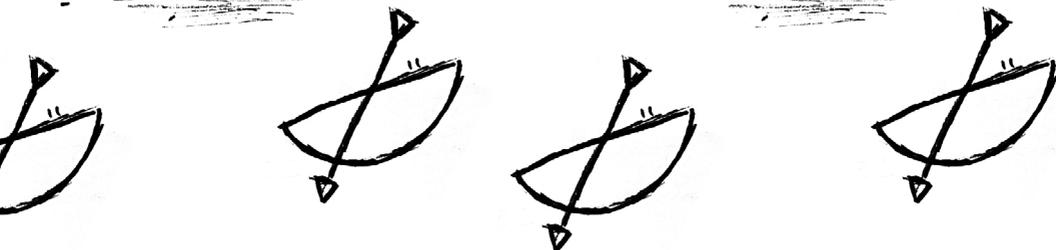
Edição: **Adriana Santiago e Eduarda Talicy**

Projeto Gráfico e diagramação: **Sara Fael**

Capa e Ilustrações: **Antônio Josivan Silva
de Paula**

e-mail: franciscoemundo@gmail.com

www.franciscoemundo.org

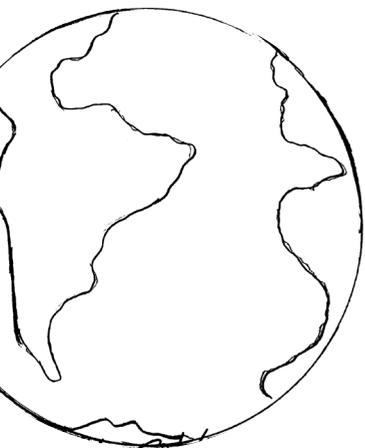


ÍNDICE

COLEÇÃO FRANCISCO E O MUNDO Quem somos -----	4
COMO FAZER UMA REUNIÃO -----	6
IGREJA EM SAÍDA -----	9
PRIMEIRA REUNIÃO Nas estradas do mundo -----	11
SEGUNDA REUNIÃO Esperança para os pobres e excluídos --	17
TERCEIRA REUNIÃO Para a vida da natureza e da humanidade -----	25
QUARTA REUNIÃO Uma espiritualidade de conflito -----	33
QUINTA REUNIÃO Concluindo nossas conversas -----	39
ORAÇÃO Invocação a Mariama -----	45



COLEÇÃO FRANCISCO E O MUNDO



Quem somos?

Francisco e o Mundo é uma associação formada por pessoas comprometidas com a superação da atual conjuntura que determina posturas conservadoras nas igrejas e na sociedade.

Há cristãos que não conhecem ainda os novos caminhos que o Espírito Santo abriu na Igreja da América Latina e do Caribe a partir das luzes do Vaticano II. Este Concílio, disse o Papa São João XXIII, “deve abrir portas e janelas se não a Igreja vai cheirar a mofo”.

O mesmo Espírito vem hoje com toda força na proposta do Papa Francisco para nós cristãos mergulharmos no mundo dos sofredores e sermos uma Igreja em Saída, rumo às periferias geográficas e existenciais; uma Igreja pobre para os pobres.

Nossos objetivos

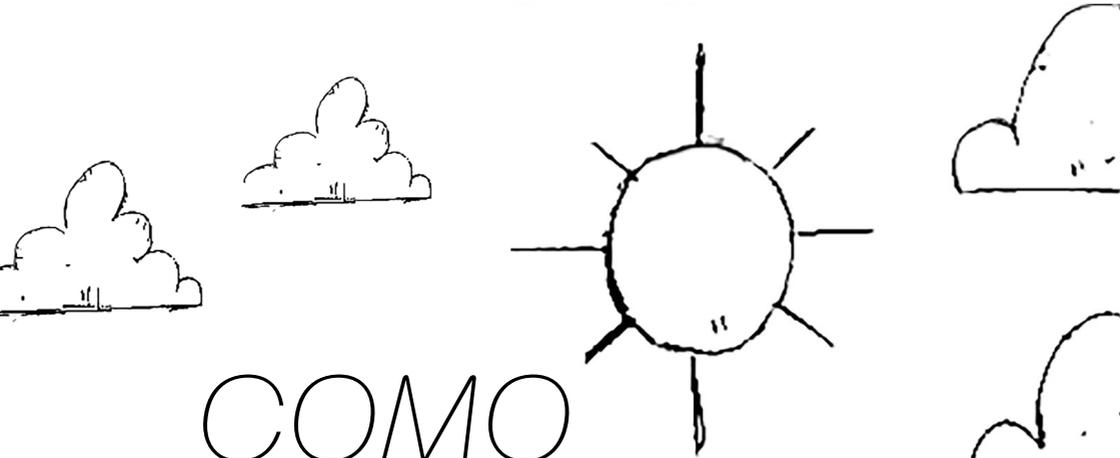
Há governantes que usam e abusam do nome de Deus para ganhar a simpatia (e o voto) do povo, mas, ao mesmo tempo, impõem projetos de desigualdade social e retrocessos democráticos. Nós, em nome de Jesus, nosso Mestre comum, queremos ser sentinelas vigilantes para denunciar a manipulação da fé e propor tempos novos de paz e solidariedade.

A finalidade da Coleção Francisco e o Mundo é assumir um trabalho massivo de conscientização e formação nas bases eclesiais através de cartilhas populares, impressas e on-line, como base de reflexão, oração e debates para capacitar-nos a perceber “o que o Espírito diz às Igrejas”. (Apocalipse 2,7)

Para ler estas cartilhas chame seus vizinhos e amigos e, assim, ajudar a Igreja a despertar e atuar na transformação da sociedade em vista do Reino de Deus.

O Reino começa
aqui e agora, dentro
da nossa história.





COMO FAZER UMA REUNIÃO



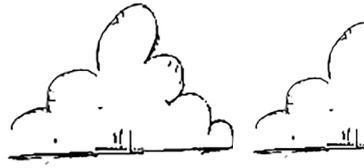
Antes da reunião

As pessoas que coordenam a reunião podem se encontrar para ler juntas o texto do encontro do dia. Pensem como dividir as tarefas e escolher 2-3 cânticos para animar o dia.

Convidem amigos e vizinhos para participar.

Seria bom se todos tivessem em mãos a cartilha durante o encontro.

Colocar no chão ou numa cadeira ou mesinha uma Bíblia aberta: enfeite com uma vela ou alguma flor ou um jarro.



Durante a reunião

No começo, se há pessoas que não se conhecem, é bom fazer uma breve apresentação lembrando se, naquela semana, aconteceu algum fato triste ou feliz em alguma família.

Fazer a leitura do texto com calma e em voz alta.

Na hora das perguntas é bom convidar as pessoas a expressar sua opinião. Quanto mais gente fala, melhor é o encontro.

O dia pode terminar com umas preces dos presentes a que todos respondem “Senhor, escutai a nossa prece”.

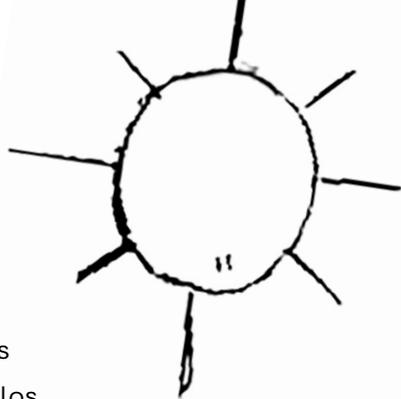
Para encerrar, pode-se rezar o Pai Nosso e a Ave Maria.

Antes do pessoal voltar para casa, marquem a casa e a data da próximo encontro.

IMPORTANTE:

Se perto do seu grupo houver mais grupos fazendo encontros com a mesma cartilha, veja se é possível se encontrar a cada mês ou dois meses para trocar ideias sobre suas reuniões

ABREVIACÕES



1Rs.: 1º livro dos Reis

At.: Atos dos Apóstolos

DA: Documento de Aparecida – CELAM, Conferência Episcopal da América Latina

EG: Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho – Papa Francisco

Ex.: Livro do Êxodo

GS: Constituição Pastoral Gaudium et Spes – Concílio Vaticano II

Jo.: Evangelho de São João

Lc.: Evangelho de São Lucas

LS: Laudato Si – Louvado Sejas – Papa Francisco

Mc.: Evangelho de São Marcos

Mt.: Evangelho de São Mateus



APRESENTAÇÃO

Na sua exortação apostólica “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco nos dá uma sacudida.

Logo no primeiro capítulo, lembra que Deus provoca continuamente seu povo com o dinamismo de ‘saída’. Começa com Abraão, depois vem Moisés e vai até aos apóstolos: “Vão pelo mundo todo e anunciem a Boa Notícia” (Mc. 16,15).

E agora somos nós.

Nesse documento, o Papa Francisco usa o termo “Igreja em Saída” para indicar uma atitude de amor para a humanidade e que deve colocar os cristãos no caminho. “Temos que ser ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas e os métodos da evangelização (EG 20, 33) ... Não se pode deixar as coisas como estão” (EG 27).

Conhecemos algum setor de nossas igrejas que tentou reorganizar suas atividades a partir das orientações do Papa Francisco?

A proposta dele é clara: “A todos exorto a aplicarem, com generosidade e coragem, as orientações deste documento” (EG 25, 33, 261).

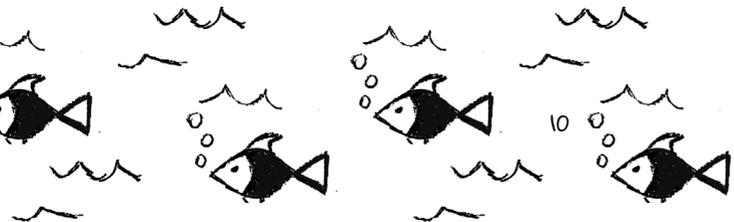
“Vão pelo mundo todo e anunciem a Boa Notícia” (Mc. 16,15).

Então, o que fazer?

O Concílio Vaticano II afirma com força esse caminho:

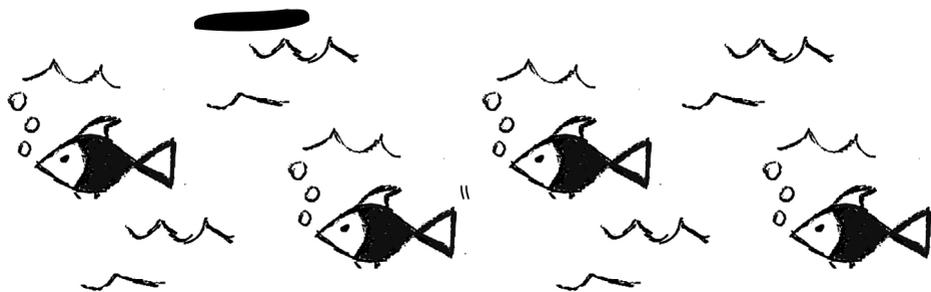
“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

“Tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização” (GS 3).



Primeira reunião

A Igreja em Saída nas estradas do mundo

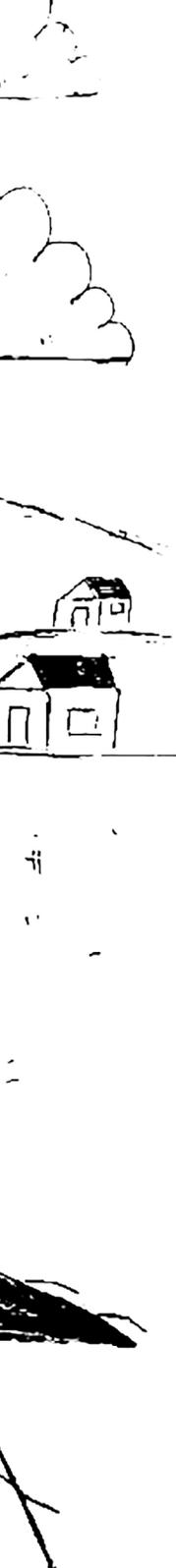


Uma história real:

A Cidade Velha de Cartagena de Índias, na Colômbia, encanta os turistas. Lá, porém, mulheres são escravizadas sexualmente e vivem como numa prisão. São centenas, muito jovens. A Irmã Fernanda e as voluntárias e os voluntários leigos da Rede Tamar* desenvolvem lá sua atividade num projeto que juntou diferentes congregações contra o tráfico de pessoas.



Primeira reunião



“Entramos no bairro – contam elas – de dia ou de noite. Cumprimentamos as moças que esperam seus clientes e deixamos uns papelinhos com frases do Evangelho e esperamos o contato delas. No começo, nos olham de longe. Depois, algumas se aproximam pedindo ajuda como fez a Matilda, de 27 anos, que tinha chegado do interior e caiu vítima do tráfico. Hoje, ela tem um trabalho autônomo e lidera atividades da Rede Tamar”. Esta atividade - elas sabem - é um trabalho cheio de perigos.*



O QUE PENSAR SOBRE ISSO

Trabalhos desse tipo sempre existiram no mundo. Na Igreja, este tipo de atuação recebeu um forte incentivo a partir do Concílio Vaticano II, que encerrou seus trabalhos em 1965.

O Concílio tinha sido convocado pelo Papa São João XXIII e reuniu os bispos do mundo inteiro. Naquela oportunidade, o Papa proclamou: “Vamos abrir portas e janelas, se não nossas igrejas vão cheirar a mofo”.

“Vamos abrir portas
e janelas, se não nossas
igrejas vão cheirar a mofo”.

Ele nos estimula a ser "Uma casa de portas abertas,
uma Igreja que oferece misericórdia gratuita, onde
todos possam se sentir acolhidos e amados"

De lá para cá, o caminho não foi fácil. Muitos católicos se deixaram tomar pela incerteza e pelo medo. O mesmo medo do apóstolo Pedro quando quis caminhar ao encontro de Jesus no meio da tempestade (Mt.14,22-33).

Em março de 2013, o Espírito Santo sacudiu os cristãos com um presente especial na pessoa do Papa Francisco. Ele nos provoca a sair ao encontro das periferias geográficas e existenciais onde vivem os sofredores e ser uma Igreja pobre para os pobres, uma Igreja em Saída.

Foi este o caminho difícil de Jesus e, diz Francisco, que prefere "uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas do mundo, a uma igreja enferma pelo fechamento e a comodidade... Não podemos nos trancar nas práticas religiosas em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta" (EG 49). Faminta de tudo: de pão, de dignidade, de liberdade, de vida digna.

Ele nos estimula a ser "uma casa de portas abertas, uma Igreja que oferece misericórdia gratuita, onde todos possam se sentir acolhidos e amados" (EG 47, 114). O grupo do Projeto Tamar em Cartagena, sai ao encontro das jovens escravizadas no mercado do sexo.

Ser Igreja em Saída exige "prudência e audácia" (EG 47), "coragem" (EG 33, 167, 194) e "ousadia" (EG 85, 129). "Ousemos um pouco mais ao tomar iniciativas" (EG 24).



A vida pública de Jesus foi uma vida em saída. Ele foi caminhando de povoado em povoado nas estradas da Palestina, sem parar, encontrando muita gente que procurava consolação, força e luz (EG 49).

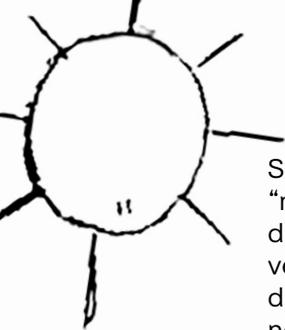
Nós, como cristãos em saída, vamos descobrindo Cristo nos pobres para acolher a sabedoria que Deus nos oferece através deles (EG 198).

O Documento de Aparecida, em 2007, nos alertava a seguir o exemplo do bom samaritano: ele não fica trancado em si mesmo, mas, de olhos e coração abertos, sabe enxergar o irmão caído à beira da estrada (DA 401).

Papa Francisco na carta encíclica Fratelli Tutti dedica o segundo capítulo para refletir sobre esta parábola (Lc. 10, 25-37). Jesus conta que havia um homem ferido, estendido por terra no caminho. Passaram vários ao seu lado, pessoas religiosas inclusive, mas foram embora. Uma parou, ofereceu-lhe ajuda, deu-lhe o seu tempo.



"Ousemos um pouco mais ao tomar iniciativas"



Ser Igreja em Saída significa ter compaixão da “multidão faminta” praticando a solidariedade para que a humanidade se sinta amada de verdade. O povo pobre das periferias urbanas e do campo deve “sentir a proximidade da Igreja no socorro de suas necessidades mais urgentes como também na promoção de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz” (DA 550).



VAMOS REFLETIR JUNTOS

O Projeto Tamar oferece uma luz para entender o que é Igreja em Saída. Sair, encontrar, acolher: é um bom programa. E, nós, o que entendemos?

O bom samaritano, modelo de amor e compaixão, era uma pessoa odiada e amaldiçoada. O que falta no coração de tantos cristãos fechados em si mesmos e nas suas igrejas?

O que pensam nossos amigos sobre o Papa Francisco? Que tipo de mensagens a vida dele nos transmite?

**Tamar é o nome de uma mulher da bíblia. Desprezada e rejeitada, ela soube reconstruir sua vida. Leia sua história em Gênesis, 38.*

**Avvenire, A. Mariani - 18.05.2022, pg. 02*



Segunda reunião

A Igreja em Saída, esperança
para os pobres e excluídos



Uma história real:

Uma das situações mais chocantes que mostram a realidade de miséria e de injustiça na sociedade são os moradores de rua em nossas cidades. Homens, mulheres, jovens e crianças ocupam as calçadas e as praças com colchões e papelão pedindo dinheiro ou algo para comer. Escutando as histórias da vida deles, entendemos as tragédias que cada um viveu.

A Igreja está comprometida com esse povo através da Pastoral do Povo da Rua. Oficialmente, a pastoral se firmou no ano 2000, mas este trabalho vem acontecendo desde



1950. O caráter sociotransformador, no entanto, só foi assumido a partir do Vaticano II e das Conferências Episcopais da América Latina.



Neste serviço, a pastoral se articula com dezenas de entidades; algumas de Igrejas, outras de grupos voluntários ou de organizações não governamentais.



A principal preocupação é a de colocar o povo em situação de rua como sujeito da sua própria história. Seja na assistência a partir de suas necessidades concretas, seja nas articulações locais e nacionais para exigir respeito aos seus direitos, em particular, da moradia e do trabalho.



O QUE PENSAR SOBRE ISSO

Nas décadas de 1960 e 1970, diante de um continente cristão marcado pela fome e pelas injustiças sociais, a Igreja da América Latina se perguntou: “O que fazer?”. A partir daí, a Igreja viveu uma conversão profunda através das Comunidades Eclesiais de Base, da escolha preferencial pelos pobres, da Teologia da Libertação e do Vaticano II.

Os cristãos foram descobrindo que o Deus bondoso, misericordioso e libertador queria a felicidade da humanidade. Teve início, então, um caminho novo que foi assumido no Docu-

mento Final da Conferência dos Bispos da América Latina, em Medellín, Colômbia, em 1968, nos capítulos da Pastoral Popular, da Pobreza da Igreja e da Pastoral de Conjunto.

Este é o caminho assumido por Jesus na sinagoga de Nazaré lendo o profeta Isaías:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou para evangelizar os pobres.

Enviou-me para proclamar a libertação aos presos e a recuperação da vista aos cegos, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar o ano da graça do Senhor” (Lc. 4, 16-19).

Quem são os “pobres” dos quais estamos falando?

É necessário especificar mais esta palavra porque “ao empregar o termo genérico ‘pobres’ deleta-se a origem da pessoa e também o processo que a levou àquela condição”*. Eles são bilhões, frutos de uma economia que mata.

Podemos começar com as comunidades indígenas, que zelam esta terra há mais de 12 mil anos. Há agricultores sem terra, assalariados rurais, operários das fábricas, pescadores, trabalhadores na economia informal.

"O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou para evangelizar os pobres."

O
amor
deve
ser
mais
forte.



eposito Silva

Há meninos e meninas submetidos à exploração sexual infantil. Crianças abandonadas, vítimas da violência e de hostilidades de gangues.

Há mulheres excluídas pela situação econômica, mulheres vítimas da exploração sexual ou vítimas de feminicídio, mães solo ou largadas no meio da vida.

Há jovens sem oportunidade de completar os estudos, sem chance de encontrar um emprego.

É urgente lembrar gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis e outras minorias de gênero, menosprezadas também pelas igrejas.

Preocupam também os dependentes químicos, suas famílias, as pessoas do submundo do tráfico, incluindo o tráfico de órgãos.

Há ainda as vítimas dos conflitos armados e do terrorismo. Migrantes fugindo das mudanças climáticas, das perseguições políticas. Muitos deles desaparecem atravessando mares, desertos e fronteiras.

Há anciãos excluídos do sistema produtivo e, às vezes, do afeto da família. Milhares de pessoas que vivem nas ruas e os presos nas cadeias públicas.

É importante lembrar ainda das vítimas da discriminação: negras e negros, fave-

lados e as vítimas das doenças psicológicas que corroem as pessoas por dentro.

É uma humanidade cansada, massacrada, agonizante como um rebanho sem pastor. Por muito menos Deus chamou Moisés: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo no Egito; ouvi seu clamor por causa de seus opressores. Por isso, desci para libertá-los” (Ex.3,7-8). É um Deus em saída.

Em 1972, a igreja criou o Conselho Indigenista Missionário. Depois, foram nascendo as Pastorais Sociais com as atividades de grupos de cristãos (leigos/as, religiosas/os, padres, bispos) que orientaram suas atenções a grupos específicos.

Foram criadas a Pastoral da Terra, a Pastoral com os Migrantes, a Cáritas, a Pastoral para o Enfrentamento do Tráfico Humano, a Comissão sobre Mineração e Ecologia, a Comissão Justiça e Paz, a Pastoral Afro-brasileira, a Pastoral da AIDS, a Pastoral Carcerária, a Pastoral da Criança, do Menor, do Migrante, da Mulher Marginalizada, dos Nômades, a Pastoral dos Pescadores, dos Operários, dos Idosos, dos Refugiados, a Pastoral do Povo da Rua.

São rostos diferentes da Igreja em Saída, como afirma o Documento de Aparecida: “Não podemos ficar tranquilos em nossos templos. É urgente sair em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não podem ter a última palavra. O amor deve ser mais forte. Fomos libertos e salvos pelo Ressuscitado, Senhor da história” (DA 548).

O documento nos alerta que o Reino de Deus é o mundo do jeito que Deus quer e deve acontecer “nas grandes cidades e nos campos, nas montanhas e florestas de nossa América... Como batizados, somos chamados a recomeçar a partir de Cristo com a mesma persuasão e esperança que Ele teve no seu encontro com os primeiros discípulos na margem do Jordão há 2000 anos” (DA 548, 549).

**Brum, Eliane - Banzeiro Okoto, uma viagem à Amazônia centro do mundo, pg. 252 Ed. Companhia das Letras.*

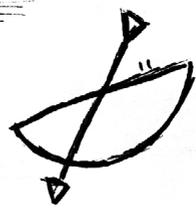
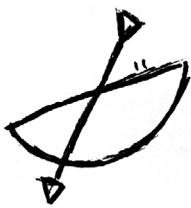


VAMOS REFLETIR JUNTOS

A multidão dos pobres revela milhões de rostos sofridos. Como nos aproximar deles, que são ‘a carne de Cristo’, como diz Papa Francisco?

Nossa espiritualidade está ligada com a vida? São Mateus, em 25, 31-46, diz que seremos julgados pela aproximação com os pobres. Então, o que fazer?

Conhecemos as Pastorais Sociais e os documentos das Conferências Episcopais da América Latina?



Terceira reunião

A Igreja em Saída, para a vida
da natureza e da humanidade

Uma história real:

É a história do córrego do Desterro*, que tinha desaparecido e foi revitalizado. Uma Comunidade em Saída devolveu a vida à natureza destruída.

Depois de assistir ao vídeo que mostra as águas do rio correndo de novo entre plantas, pedras e capim, Isabel, uma líder daquela comunidade, escreveu:



“Esse vídeo foi uma das imagens que me causou maior emoção nos últimos tempos. Essas águas que correm vêm carregadas de sentimentos, lembranças e saudades. Não contive minhas lágrimas.

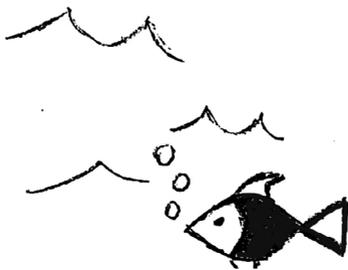
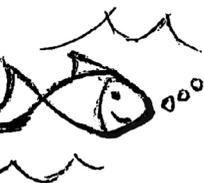
Lembrei do tempo em que a gente, ainda crianças e adolescentes, pegávamos flores de São José para enfeitar a Lapinha. De quando a gente lavava roupa toda quinta e sexta feira junto com as mulheres do Desterro e Barroço. Ali era compartilhada a comida que cada uma levava, as angústias, os sonhos, segredos, medos e incertezas.

Lembrei dos ciganos que se reuniam ali embaixo dos pés de jatobá.

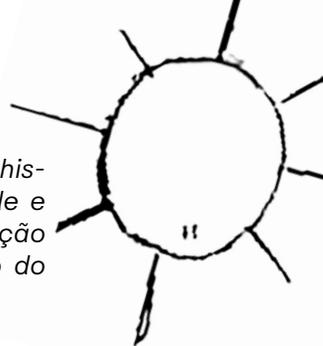
Do plantio de hortaliças cultivado pelas famílias da comunidade, muita fartura de tomate coração. Da produção de arroz, feijão e cana em toda a margem do córrego de onde as famílias tiravam seu sustento.

Lembro-me que quando o córrego enchia, as lagoas transbordavam e a fartura de arroz era grande. Apareciam pássaros de toda espécie.

Depois que os moradores desmataram toda margem do córrego e queimaram as nascentes, as águas diminuíram e os conflitos por água marcaram a história de todos os moradores do Desterro. Até que o córrego foi diminuindo e por fim secou completamente, há mais de 30 anos.



Em 2018, registramos em nosso livro de história os anos de luta da nossa comunidade e assumimos como compromisso a preservação das nascentes e de todo leito do córrego do Desterro.



Começamos convidando o Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, do Governo da Bahia. Reunimos as famílias para realizar o mapeamento da área, para debater sobre o cercamento das margens e a revitalização das nascentes do córrego como áreas de preservação. Para isso, contamos com mutirões de trabalho voluntário plantando mudas e cuidando da vegetação.

Preservar é o nosso compromisso com a vida e com a biodiversidade. É Dever de todos nós garantir aos nossos filhos, netos, bisnetos e toda geração futura e aos seres vivos ar para respirar, água para beber, terra para cultivar e um planeta vivo e saudável que possa garantir a preservação da espécie.

E deixar como herança para nossas crianças o direito de sonhar e de viver.

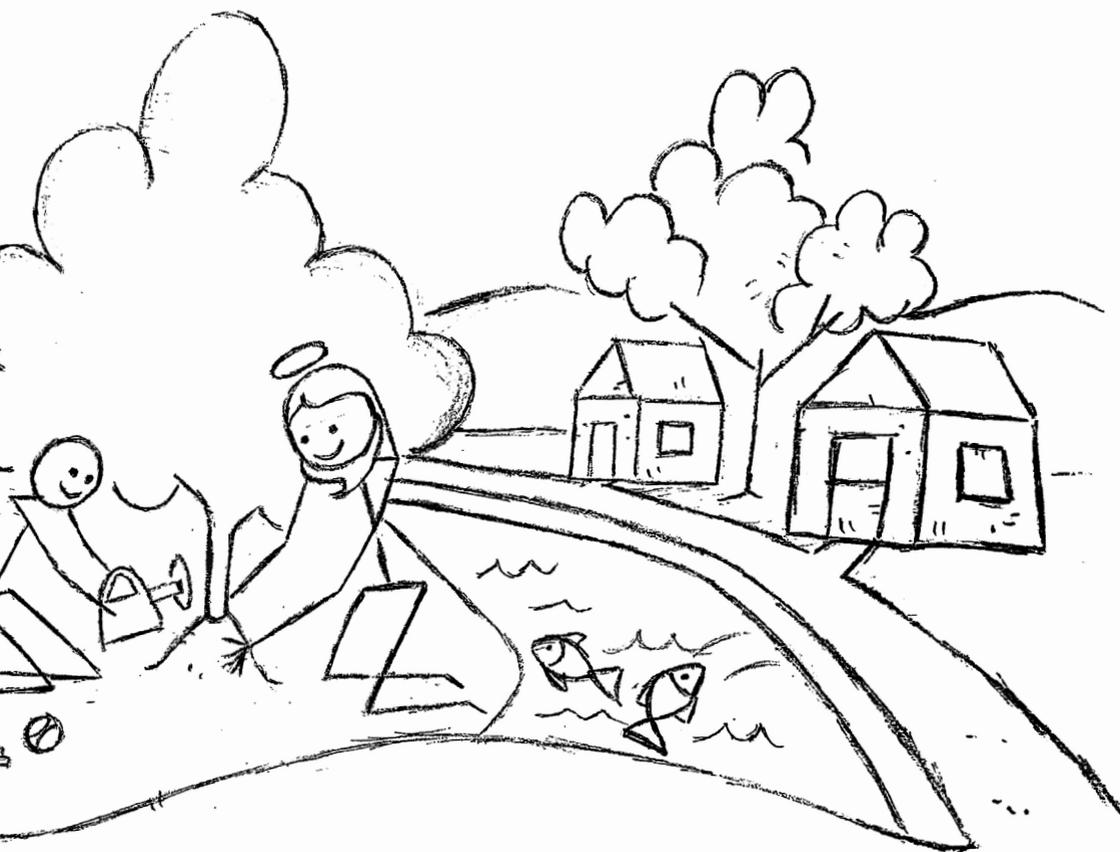
A emoção é grande ao ver estas águas correrem. Senti minha alma revitalizada”.

A emoção é grande ao ver estas águas correrem. Senti minha alma revitalizada”.

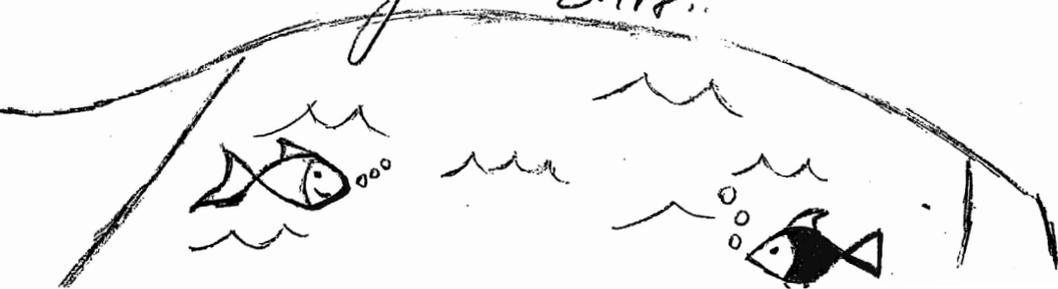


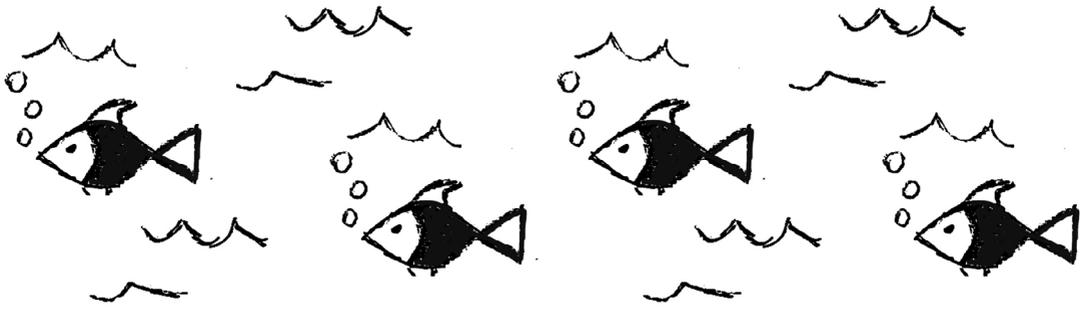


"Todo o
Universo
material...
o solo, a água,
as montanhas,
tudo é carícia
de Deus" (LS 84)



eposivov. Soltv.





O QUE PENSAR SOBRE ISSO

Quantas ações concretas como esta estão acontecendo. Muitas pessoas se organizam para fazer a terra produzir, para recuperar águas e rios contaminados, ares poluídos. Ensinam a respeitar a natureza para salvar a terra.

O Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si*, diz que “Todo o universo material... o solo, a água, as montanhas, tudo é carícia de Deus” (LS 84). Desta convicção nasce a espiritualidade ecológica, que nos faz viver como guardiões da obra de Deus (LS 217).

A sobrevivência do meio ambiente e da humanidade exigem cristãos em saída, animados pelo projeto do Pai de criar novos céus e nova terra. Cristãos dispostos a se unir com todos que sonham com um futuro mais humano.

Podemos começar com pequenas ações com jovens e adultos dispostos a se aproximar do sofrimento da terra e da sociedade. Podemos limpar ruas ou praias; ajudar a poupar água e energia em casa; promover plantação de árvores nas cidades ou em áreas

desmatadas; realizar hortas comunitárias; criar grupos de produção de artesanato e pontos de coleta seletiva de lixo, entre outras ações (LS 211).

Essas atividades terão valor transformador se executadas num processo de formação com encontros, reflexões e debates. Teatro, poesia, cantos são linguagens fáceis de se produzir para repassar essas propostas.

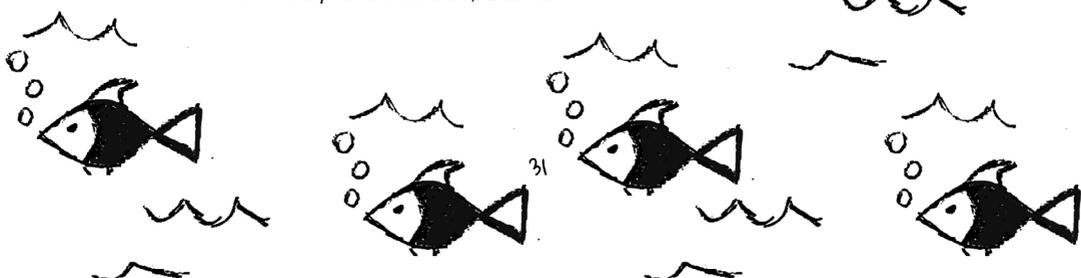
O aquecimento global, as geleiras derretendo, as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, a degradação social podem ser assuntos pesados demais para serem digeridos rapidamente (LS cap. 1º).

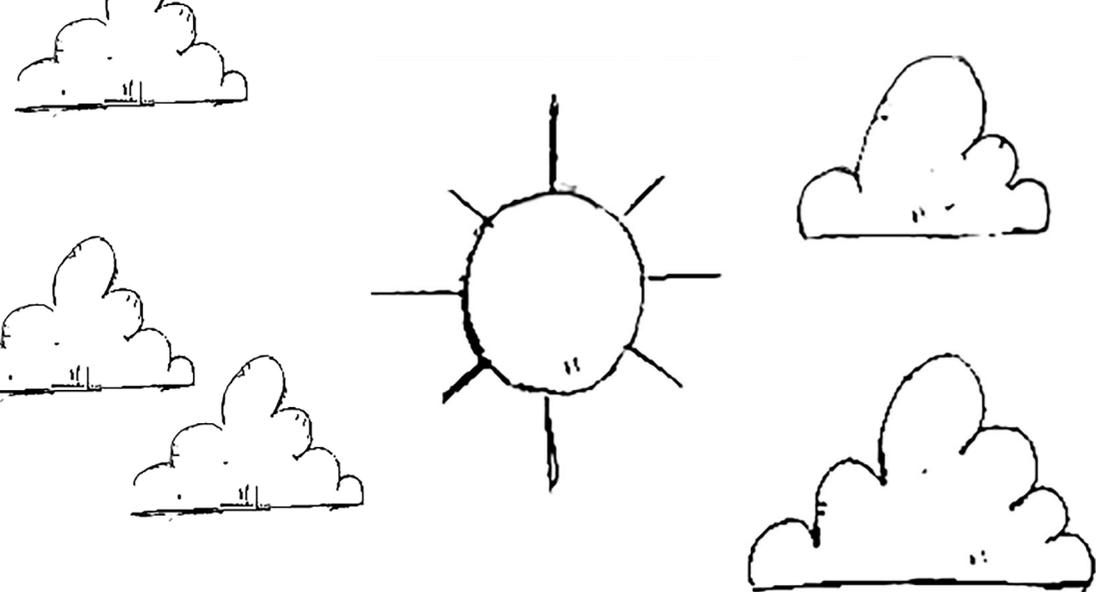
Então, vamos trabalhar por etapas, um passo atrás do outro.

Um ditado diz: “Caminho se faz caminhando”. Nós, como Igreja em Saída, não temos um rumo definido a seguir. Vamos aceitar o desafio de descobrir e criar caminhos, nos mantendo vigilantes e de olhos abertos para pensar os próximos passos.

Devolver a vida a um córrego significa salvar uma fatia de humanidade e continuar a obra criadora do Pai. É uma ação santa.

**Município de Côcos, Bahia*





VAMOS REFLETIR JUNTOS

Conhecemos situações ao nosso redor em que a natureza está sendo destruída? O que fazer para mostrar nosso amor à mãe terra?

“A ação social não é papel da igreja”, dizem alguns cristãos. E, nós, o que pensamos? Como podemos cuidar da nossa casa comum?

A comunidade do Desterro agiu certo em revitalizar o rio? Por quê?

Continuando nas reflexões desta cartilha podemos pensar na possibilidade de criar com colegas e amigos um ‘Movimento Igreja em Saída’?



Quarta reunião

Igreja em Saída: uma
espiritualidade em conflito



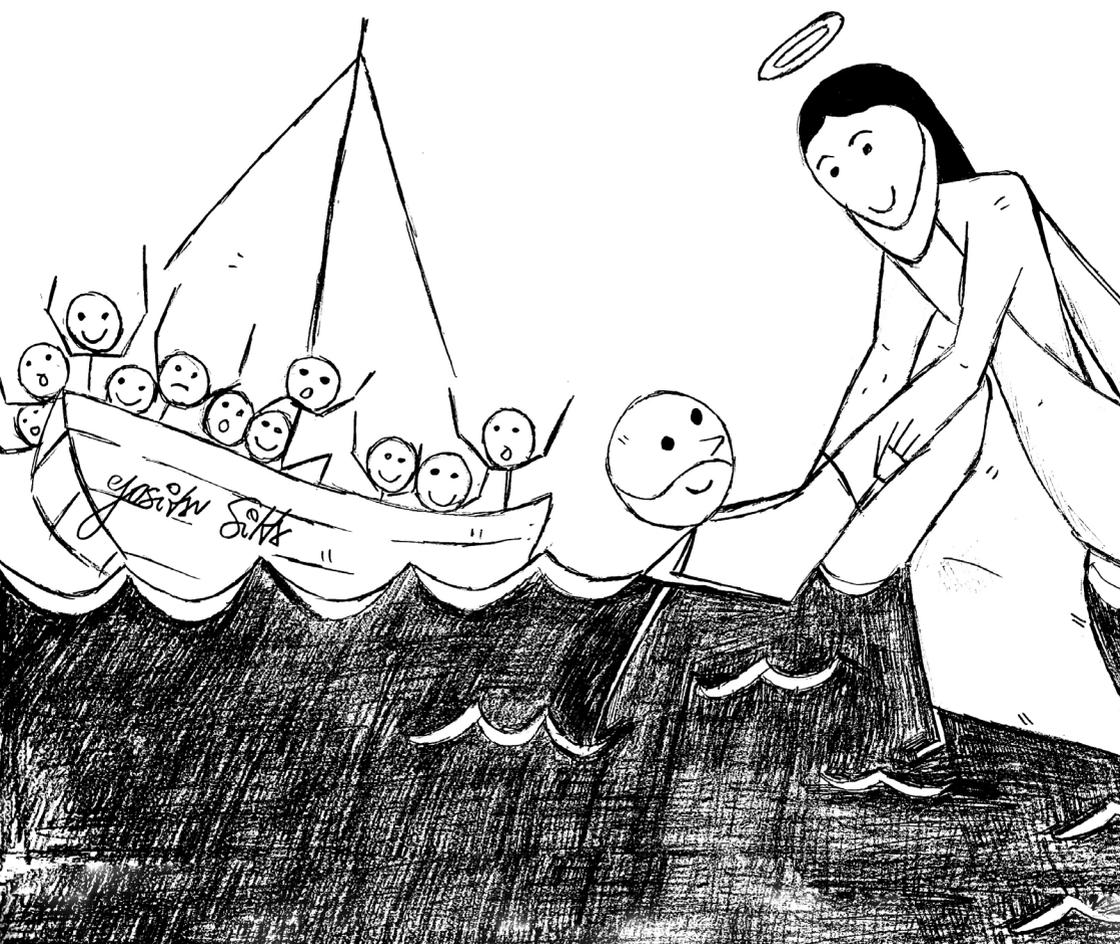
Histórias reais:

“Moisés levou o rebanho ao Horeb, a montanha de Deus. Lá, o anjo do Senhor lhe apareceu numa chama de fogo, no meio de uma mata e lhe disse: “Moisés, Moisés. Eu vi, eu vi a miséria do meu povo. Ouvi seus clamores. Vai, pois, para fazer o meu povo sair do Egito” (Êx. 3, 1-12).

“Deus chamou Moisés no cimo da montanha. Toda a montanha do Sinai fumegava porque Deus desceu sobre ela no fogo. A montanha tremia violentamente. Moisés falava e Deus lhe respondia no tro-

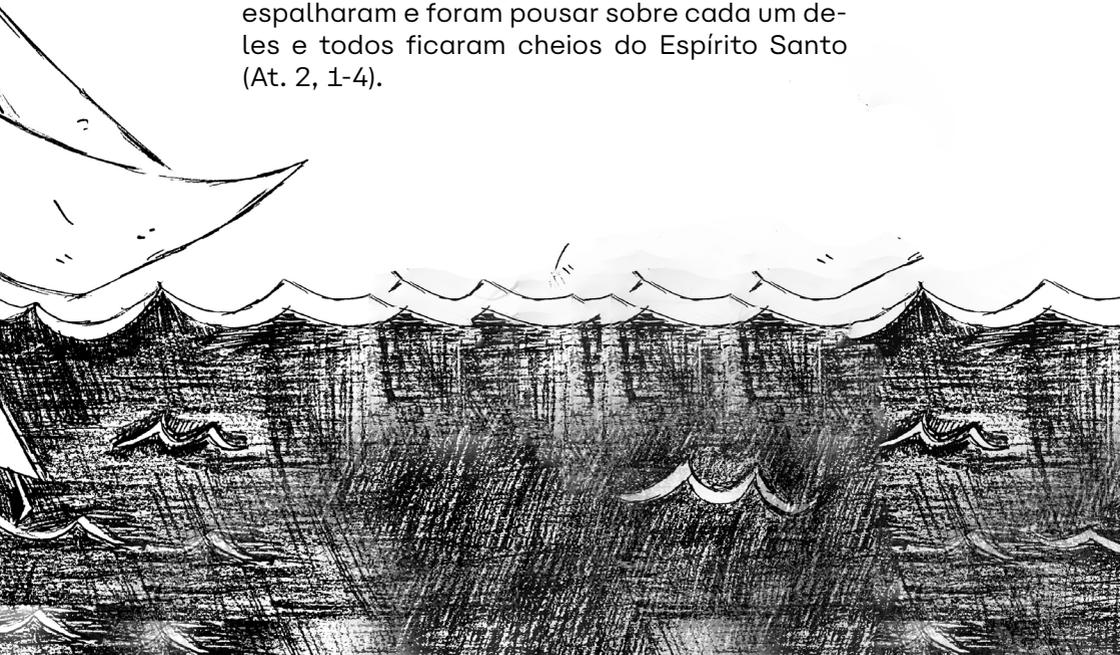
vão: ‘Eu sou o teu Deus que te fez sair do Egito, da casa da servidão’” (Êx. 19,16-20,1).

“O profeta Elias saiu da gruta e ficou diante de Deus. Houve então um grande furacão que dilacerava as montanhas e despedaçava os rochedos. Mas o Senhor não estava no vento. Depois houve um terremoto, mas Deus não estava no terremoto. Depois houve um fogo, mas Deus não estava no fogo. E depois do fogo, uma brisa suave. Quando Elias ouviu a brisa, cobriu o rosto com o manto, saiu e foi à entrada da gruta... E Deus lhe disse: “Vai, retoma o teu caminho” (1Rs. 19,9-18).



“Os apóstolos no barco iam atravessar o lago de Tiberíades. O barco, porém, começou a ser sacudido pelas ondas. De repente, Jesus apareceu indo em direção a eles, caminhando sobre o mar. Os discípulos ficaram aterrorizados: “É um fantasma”, começaram a gritar. Mas Jesus lhes disse: “Sou eu, não tenham medo”. E Pedro: “Se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas”. E Jesus respondeu: “Vem”. E Pedro foi caminhando sobre as águas. Mas, sentindo o vento, ficou com medo, começou a afundar gritou: “Senhor, salva-me”. Jesus logo estendeu a mão, o segurou e lhe disse: “Homem fraco na fé, porque duvidaste?”. Os apóstolos no barco curvaram-se diante dele dizendo: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (Mt.14, 22-33).

Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval e encheu toda a casa onde se encontravam. Na mesma hora, apareceram línguas de fogo que não queimavam. Elas se espalharam e foram pousar sobre cada um deles e todos ficaram cheios do Espírito Santo (At. 2, 1-4).





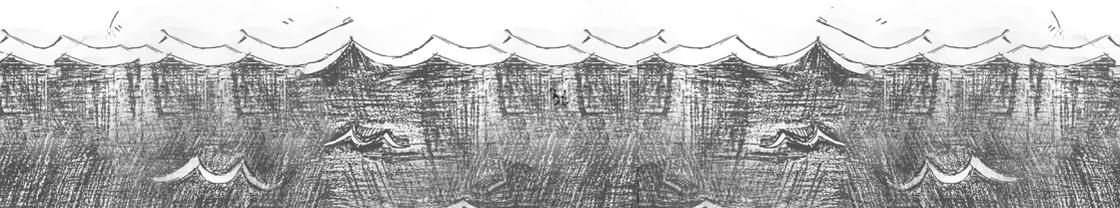
O QUE PENSAR SOBRE ISSO

Quem procura agir como Igreja em Saída faz uma nova experiência de espiritualidade. Descobre que Deus é bem criativo para falar ao coração de seus filhos e filhas, porque diferentes são as situações em que eles se encontram.

Deus não tem uma “via única” para nos sustentar nas lutas da vida. As pessoas nos diziam: procure o silêncio para Deus falar ao seu coração. E quem não pode ter espaços de silêncio na vida, será que fica fora dos cuidados do Pai?

Quem vive sua fé em saída sabe perceber Deus no silêncio da oração, numa barulhenta manifestação de rua, num encontro para programar atividades sociais ou, até, numa pandemia.

Há uma contradição permanente no evangelho entre os chefes religiosos e Jesus. Os sacerdotes do templo e os fariseus consideravam impuros, isto é, longe da aproximação com Deus, o povo simples, os doentes, os leprosos, as mulheres, os samaritanos, os pagãos, as mulheres e os homens possuídos pelo ‘demônio’ ou por ‘espíritos impuros’ (assim chamavam os desequilibrados mentais). Diziam: “Esse povinho que não conhece a Lei, são uns malditos” (João 7,47).



A espiritualidade de Jesus, isto é, sua intimidade com a vontade do Pai, vai na contramão daquele mundo religioso. Ele chamava de “felizes” os que estavam sendo amaldiçoados. Eram eles que abriam o coração à revelação do Pai (Mt. 11,25), eles, próximos de Jesus, encontravam alívio de seus fardos pesados (Mt. 11, 28-30).

A prática dos cristãos em saída deve ir ao encontro desse tipo de pessoas que foram a base das escolhas históricas de Jesus.

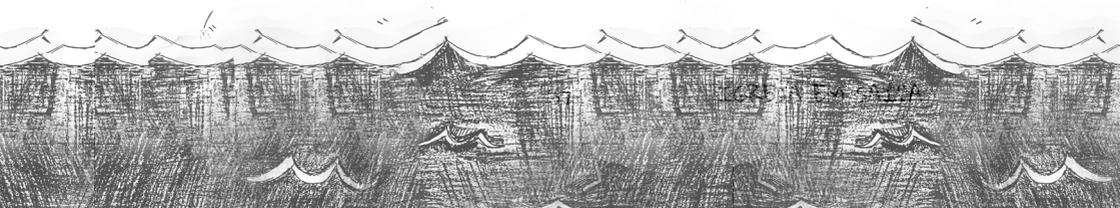
Quem segue este caminho deve se preparar para ser sinal de contradição. O conflito vem de dentro do mundo religioso e dos poderes que constroem essa economia que mata. Esta espiritualidade, de fato, é luz para construir uma sociedade radicalmente diferente. O Reino/Projeto de Deus quer salvar a humanidade da destruição.

“Eis que eu vos envio como ovelhas no meio de lobos” (Mt. 10,16).

Muitos mártires na nossa América Latina foram sustentados por uma espiritualidade que os levou a viver o amor ao próximo até o fim.

“Não tenham medo”, diz Jesus aos apóstolos na tempestade. Jesus sabe que somos fracos, mas devemos nos tornar ‘sentinelas/pastores’ atentos e vigilantes para deslegitimar qualquer movimento ou ideologia que proponha projetos de morte.

"Eis que eu vos envio como ovelhas
no meio de lobos" (Mt. 10,16).



“Exorto todas as comunidades a manter uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos”, nos lembra Papa Francisco (EG 51). Os sinais dos tempos acontecem e se revelam dentro da história. Tempestades, fogo e trovões da história humana podem revelar palavras divinas.



VAMOS REFLETIR JUNTOS

Como Jesus adquiriu uma espiritualidade tão firme para acertar as escolhas em suas atividades diárias?

Ser Igreja em Saída não é exclusividade de algum grupo especializado, mas deve ser a escolha de toda a Igreja. O que falta nas nossas paróquias e dioceses para aceitar esse convite de Papa Francisco?

Pobres, excluídos e marginalizados: a grande maioria deles está fora dos espaços eclesiais. Será que eles devem esperar ainda muito tempo para encontrar comunidades abertas e acolhedoras, encontrar igrejas pobres para os pobres?



Quinta reunião

Concluindo nossas conversas



Para muitos cristãos existe uma dificuldade de entender o que é Igreja em Saída e, sobretudo, de seguir estas práticas (EG 20-23).

Existem dois desafios que são importantes de serem discutidos nos nossos grupos e comunidades.

O primeiro é o de nos convenceremos de que se meter nos problemas da vida concreta não é um desvio de rota. Problemas como, por exemplo, a exploração do trabalho infantil, o tráfico de pessoas, a sobrevivência dos migrantes e todas as atividades das pastorais sociais. São ações essencialmente eclesiais.

O segundo é o receio em relação à metodologia dos militantes sociais, que é bem diferente da nossa no meio eclesial. Daí vem a dificuldade de participar de manifestações de rua, de Audiências Públicas, de movimentos em apoio a causas específicas, ou até de colocar a assinatura num abaixo assinado.

Enfrentar e “digerir” esses desafios é uma boa oportunidade para amadurecermos como humanidade, como cristãos e como cidadãos. A preocupação básica de Jesus foi construir o Reino, isto é, o mundo do jeito que Deus quer. Ele não veio para fundar uma igreja, propor uma nova doutrina ou oferecer novas leis religiosas.





positiv Silva

Ele veio para proclamar: “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, foi para isso que fui enviado” (Lc. 4,43). E ainda: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado em acréscimo” (Mt. 6,33).

Ele inaugurou um tempo novo ao afirmar que Deus é Pai e que nossa aproximação com Ele se realiza no amor ao sofredor, ao pobre, aos excluídos e marginalizados.

Diariamente, Ele venceu a tentação de criar um mundo mais humano a partir de posições de poder ou confiando nas riquezas e visando a autopromoção, como conta Mateus 4,1-11.

A oração de Jesus consistia em escutar o Pai. Foram noites em oração para acertar os passos concretos no dia a dia.

Para a nova tarefa do Reino, inclusive, Ele se cercou de homens e mulheres que não vinham de círculos religiosos, mas da vida sofrida do dia a



“Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, foi para isso que fui enviado” (Lc. 4,43).

dia. E foram eles que, apesar de seus limites, continuaram a prática de Jesus.

Hoje também o mundo conta com milhões de pessoas que fazem acontecer o Reino, apesar de não pertencer a uma igreja específica.

É este o lugar da Igreja em Saída, dos cristãos abertos a colaborar com todas as pessoas de boa vontade que querem “transformar a vida social num espaço de fraternidade, de justiça, de paz e de dignidade para todos” (EG 189).



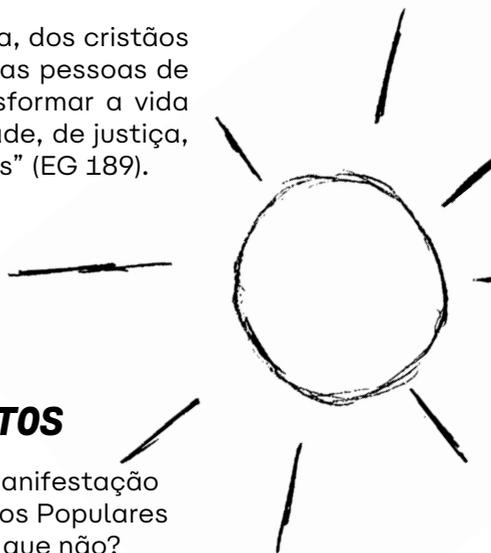
VAMOS REFLETIR JUNTOS

Quem já participou de alguma manifestação de rua organizada por Movimentos Populares e sindicatos? Por que sim ou por que não?

Por que será que Jesus não foi aos ambientes religiosos do templo ou das sinagogas para escolher seus seguidores e seguidoras?

Conhecemos pessoas que, sem estarem ligados a alguma igreja ou instituição religiosa, estão construindo o Reino de Deus, a sociedade do jeito que Deus quer?

“Lá fora há uma multidão faminta”. Então, aliviar o sofrimento é tarefa prioritária para quem tem coração, também na Igreja. Ou não?





REFERÊNCIAS

Se alguém tiver interesse em aprofundar estes assuntos, sugerimos mais alguns textos que falam das reflexões de Jesus.

LC. 6, 20-23:

“Felizes os pobres, os que têm fome, os que choram”

LC. 10, 29-37

O centro da parábola é o homem caído. A situação dele determina quem é ‘bom’: o sacerdote, o levita ou o samaritano?

LC.: 13, 22-30

Os que entram no Reino “vêm do oriente e do ocidente, do Norte e do Sul, e tomam lugar à mesa no Reino de Deus... vós, porém, sereis lançados fora”

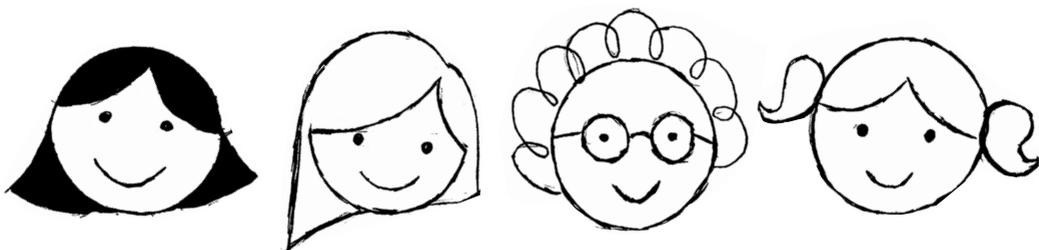
MT. 25, 31-40

“Estava com fome, com sede, estava preso, e vocês me ajudaram”. Jesus diz quem é, diante de Deus, o bom cristão.

Sugerimos também a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, *A Alegria do Evangelho*, do Papa Francisco.

Invocação a Mariâma

“Todos, unânimes, eram assíduos à oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus” (At. 1,14). “De repente, veio do céu um ruído semelhante ao soprar de impetuoso vendaval. E apareceram umas como línguas de fogo” (At.2,2). Este é o Pentecostes, começa a Igreja em Saída e Maria estava lá. Assim como hoje.



Mariama, Nossa Senhora, mãe de
Cristo e Mãe dos homens!

Mariama, Mãe dos homens de todas as
raças, de todas as cores, de todos os
cantos da Terra.

Pede ao teu filho que esta festa não termine
aqui, a marcha final vai ser linda de viver.

Mas é importante, Mariama, que a Igreja
de teu Filho não fique em palavra, não fique
em aplauso.

Não basta pedir perdão pelos erros de ontem.

É preciso acertar o passo de hoje sem
ligar ao que disserem.

Claro que dirão, Mariama, que é
política, que é subversão.

É Evangelho de Cristo, Mariama.

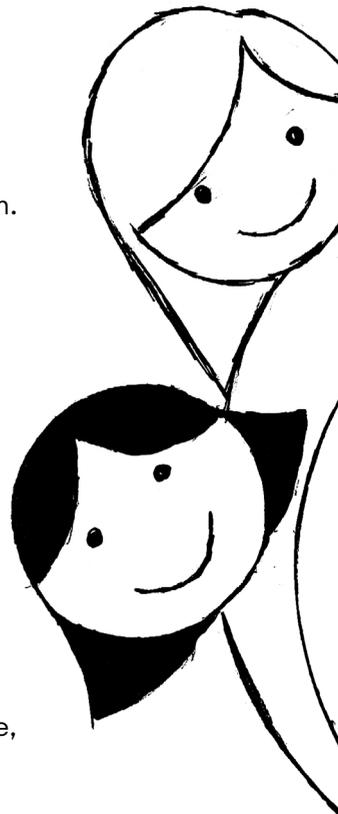
Claro que seremos intolerados.

Mariama, Mãe querida, o problema do negro
acaba se ligando com todos os grandes
problemas humanos.

Com todos os absurdos contra a humanidade,
com todas as injustiças e opressões.

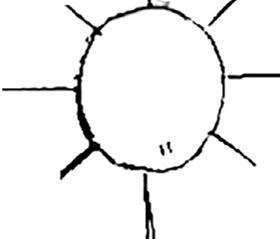
Mariama, que se acabe, mas se acabe mesmo
a maldita fabricação de armas.

O mundo precisa fabricar é Paz.



O mundo precisa
fabricar é Paz.





Basta de injustiça!



Basta de uns sem saberem o que fazer com tanta terra e milhões sem um palmo de terra onde morar.



Basta de alguns tendo que vomitar para comer mais e 50 milhões morrendo de fome num só ano.



Basta de uns com empresas se derramando pelo mundo todo e milhões sem um canto onde ganhar o pão de cada dia.

Mariama, Senhora Nossa, Mãe querida, nem precisa ir tão longe, como no teu hino.



Nem precisa que os ricos saiam de mãos vazias e os pobres de mãos cheias.

Nem pobre nem rico.

Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã.

Basta de escravos. Um mundo sem senhor e sem escravos.

Um mundo de irmãos.

De irmãos não só de nome e de mentira.

De irmãos de verdade, Mariama.

**Oração proclamada por Dom Hélder Câmara em 20 de novembro de 1981 no Recife na Missa dos Quilombos. A Negra Mariama é um jeito carinhoso de Dom Hélder chamar Nossa Senhora Aparecida.*

AUTORIA

Pe. Ermanno Allegri

Isabel De Jesus Souza Dermeval

Pe. Lino Allegri

Djanete Maria Dos Santos Silva

Roberto Malvezzi – Gogó

Fernanda Gonçalves de Sousa

Pe. Marco Passerini

Vicente Flavio

Aroldo Braga



2022